

Entre Teoria e Prática: Vivências do Estágio Curricular Supervisionado II

Bruna Alberti¹

Marília Boessio Tex de Vasconcellos²

Geovane Barbosa Dos Santos³

Mariele Josiane Fuchs⁴

Resumo: O presente artigo apresenta as vivências durante o Estágio Curricular Supervisionado II do curso de Licenciatura em Matemática, realizado com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Princesa Isabel, em Tucunduva – RS. O estudo aborda os desafios e a reflexão no planejamento de aulas de Probabilidade e Estatística, destacando a importância da flexibilização às necessidades dos estudantes e da reflexão sobre a prática docente. A experiência evidenciou a construção gradual da identidade profissional, o desenvolvimento de competências pedagógicas e a articulação entre teoria e prática, mostrando-se como elemento fundamental na formação do futuro professor.

Palavras-chave: Planejamento. Prática docente. Probabilidade e Estatística. Identidade profissional.

Between Theory and Practice: Experiences from Supervised Curricular Internship II

Abstract: This article presents the experiences during the Supervised Curricular Internship II of the Mathematics Degree course, carried out with 6th grade students at the Princesa Isabel State School, in Tucunduva – RS. The study addresses the challenges and reflection in planning Probability and Statistics classes, highlighting the importance of adapting to the students' needs and reflecting on teaching practice. The experience evidenced the gradual construction of professional identity, the development of pedagogical skills, and the articulation between theory and practice, proving to be a fundamental element in the training of future teachers.

Keywords: Planning. Teaching practice. Probability and Statistics. Professional identity.

Entre la teoría y la práctica: Experiencias de la pasantía curricular supervisada II

Resumen: Este artículo presenta las experiencias vividas durante la Etapa Curricular Supervisada II de la Licenciatura en Matemáticas, realizada con estudiantes de sexto año de Educación Básica en la Escuela Estatal Princesa Isabel, en Tucunduva, RS. El estudio aborda los retos y la reflexión sobre la planificación de clases de Probabilidad y Estadística, destacando la importancia de la adaptación a las necesidades del alumnado y la reflexión sobre la práctica docente. La experiencia evidencia la

¹ Licencianda em Matemática. Instituto Federal Farroupilha – *campus* Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: bruna.2022017803@aluno.iffar.edu.br

² Orientador. Instituto Federal Farroupilha – *campus* Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marilia.vasconcellos@iffarroupilha.edu.br

³ Mestre em Educação em Ciências. Instituto Federal Farroupilha – *campus* Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: geovane.santos@iffarroupilha.edu.br

⁴ Mestre em Educação nas Ciências. Instituto Federal Farroupilha – *campus* Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mariele.fuchs@iffarroupilha.edu.br

construcción gradual de la identidad profesional, el desarrollo de competencias pedagógicas y la articulación entre teoría y práctica, demostrando ser un elemento fundamental en la formación de futuros docentes.

Palabras clave: Planificación. Práctica docente. Probabilidad y Estadística. Identidad profesional.

1 Introdução

O presente artigo apresenta as atividades e experiências vivenciadas no Estágio de Regência, componente da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Santa Rosa (RS). O estágio constitui uma etapa importante da formação docente, pois proporciona vivências em diferentes contextos da prática e possibilita colocar em ação conhecimentos já estudados, além de adquirir outros. Essa experiência favorece o desenvolvimento de competências pedagógicas em diálogo com a realidade escolar e contribui para a construção da identidade profissional, por meio da articulação entre teoria e prática.

A turma em que foi realizado o estágio, no período matutino, foi do 6º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Princesa Isabel de Tucunduva – RS. Turma esta, que contava com 19 alunos, oriundos da zona rural e urbana da cidade. O estágio ocorreu entre os dias 16 de setembro e 16 de outubro de 2025, totalizando 20 horas de regência de classe, distribuídas em 20 encontros, e contemplava a abordagem dos objetos de conhecimento de Probabilidade e Estatística.

A escolha da unidade temática Probabilidade e Estatística para o estágio de regência se justifica pelo papel desses conteúdos no desenvolvimento de habilidades matemáticas essenciais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017), tais como a leitura, interpretação e representação de dados, a análise de situações que envolvem incerteza e a capacidade de tomar decisões a partir de informações numéricas. Esses conhecimentos permitem aos estudantes não apenas compreender conteúdos escolares, mas também estabelecer relações com o cotidiano, reconhecendo a aplicabilidade prática da Matemática em diferentes contextos da vida social.

Nesse contexto, o planejamento das aulas assume papel fundamental como mediação entre teoria e prática, permitindo que os conhecimentos adquiridos na formação inicial sejam articulados às necessidades reais da turma. Segundo Libâneo (2013, p. 83), “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Ao elaborar os planos de aula, o

professor reflete sobre objetivos, conteúdos e estratégias metodológicas, antecipando situações possíveis, mas mantendo a flexibilidade necessária para ajustar o ensino conforme o ritmo, os interesses e as particularidades dos alunos. Dessa forma, o planejamento não se configura apenas como um instrumento técnico, mas como um elemento estratégico que conecta teoria e prática, favorecendo a aprendizagem significativa e a construção da identidade profissional do licenciando.

Neste sentido, o estágio possibilitou observar a dinâmica da turma, compreender as demandas do ensino de Matemática e refletir sobre as práticas adotadas. Assim, os resultados apresentados neste artigo refletem os aprendizados construídos ao longo do processo de regência, organizados nas seções que discutem o planejamento, a prática docente e a formação da identidade profissional. Conforme Pimenta e Lima (2012, p. 42), o estágio possibilita ao licenciando experimentar e compreender os conteúdos “não apenas como matéria a ser ensinada, mas como instrumentos de formação do pensamento crítico e da autonomia dos estudantes”.

O planejamento das aulas exerce papel central na prática docente, funcionando como uma ponte entre teoria estudada na formação inicial e o contexto da sala de aula. O planejamento exige que o professor olhe para a realidade dos alunos e suas dificuldades. Ele também de certo modo é flexível, podendo então ser reorganizado conforme o andamento da turma e as situações do cotidiano escolar.

2 Entre intenções e ações: o planejamento como guia da prática docente

O planejamento é essencial na trajetória dos docentes pois permite sistematizar ideias e guiar as aulas, garantindo um ensino mais eficaz e uma melhor experiência de aprendizagem aos alunos. O planejamento não se restringe apenas a sala de aula, está ligado diretamente a exigências sociais e a experiência de vida dos alunos.

O planejamento das atividades desenvolvidas durante o Estágio de Regência foi construído a partir de conversas com a professora regente da turma, a orientadora e os coorientadores de estágio. Por meio dessa troca de informações, foi possível obter uma melhor compreensão sobre o perfil dos alunos, o que permitiu planejar aulas mais dinâmicas e participativas. Os planejamentos foram elaborados com base na unidade temática definida pela professora regente da escola, Probabilidade e Estatística. Procurou-se inteirar-se sobre os objetos de conhecimento dessa unidade na Matriz de Referência do Estado do Rio Grande do Sul e na BNCC, documentos que serviram de apoio para as proposições de atividades e

abordagens conceituais durante o período de estágio, com o uso do livro didático adotado pela escola para a realização de atividades e retomada de explicações.

Para a elaboração dos planos de aula critérios foram seguidos, especialmente ao escolher e elaborar as atividades. Buscou-se propor atividades que estavam relacionadas com o cotidiano dos alunos, de modo que pudessem reconhecer a aplicabilidade dos objetos de conhecimento em situações cotidianas. Além disso, organizou-se as atividades em diferentes níveis de complexidade, permitindo que todos os estudantes participassem de forma significativa, exercitando distintos tipos de raciocínio. O tempo disponível para cada aula também foi considerado, delimitando as explicações e os momentos para que os alunos pudessem exercitar o que aprenderam por meio das atividades. Essa postura dialoga com o que nos diz Moran (2013, p. 134), ao destacar que os educadores devem adotar abordagens pedagógicas flexíveis, que considerem as diferentes necessidades dos alunos, utilizando recursos didáticos e tecnológicos para facilitar o entendimento e garantir o sucesso na aprendizagem.

Salienta-se que uma das dificuldades enfrentadas nesse processo foi de estimar o tempo necessário para cada momento da aula. Por não conhecer bem a turma havia uma certa incerteza sobre o ritmo de aprendizagem dos alunos e sobre a duração adequada para cada momento da aula. Essa experiência evidenciou a importância de planejar com flexibilidade e de ajustar o tempo de acordo com o ritmo dos estudantes, buscando equilibrar o cumprimento do planejamento com o envolvimento efetivo da turma. Afinal, como defende Libâneo (2013, p. 267):

Na elaboração de plano de aula, deve-se levar em consideração, em primeiro lugar, que a aula é um período de tempo variável. Dificilmente contemplaremos numa só aula o desenvolvimento de uma unidade ou tópico de unidade, pois o processo de ensino e aprendizagem se compõe de uma sequência articulada de fases: preparação e apresentação de objetivos, conteúdos e tarefas; desenvolvimento da matéria nova; consolidação (fixação, exercícios, recapitulação, sistematização); aplicação; avaliação. Isso significa que devemos planejar não uma aula, mas um conjunto de aulas.

No rol dos planos de aula foram contempladas atividades e metodologias que envolviam os alunos na construção dos conceitos. Eles consistiam em atividades de incentivação, a apresentação do conceito que seria abordado e, por fim, atividades para memorização dos conceitos, fazendo com que houvesse sempre uma sequência de objetos de conhecimento de atividades a serem realizadas, considerando que, para Libâneo (2013, p. 267):

Na preparação de aulas, o professor deve reler os objetivos gerais da matéria e a sequência de conteúdo do plano de ensino. Não pode esquecer que cada tópico novo é uma continuidade do anterior, é necessário, assim, considerar o nível de preparação inicial dos alunos para a matéria nova.

Durante o estágio, o ato de planejar a preparação prévia das aulas, refletir sobre as práticas adotadas e identificar aspectos que poderiam ser aprimorados. Conforme Libâneo (2013, p. 246), “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Essa reflexão, juntamente com o planejamento, contribuiu para que as aulas fossem mais intencionais e conectadas à realidade dos alunos.

Ao planejar, apresentamos uma sequência lógica e a aula transcorre naturalmente, alinhando teoria e prática. No primeiro contato com a turma, pode-se realizar uma projeção para as próximas aulas, analisando sua realidade e do contexto social que a cerca, bem como o que os alunos já conheciam. Isso serviu de apoio para nortear as próximas aulas, junto com os exercícios e atividades a serem realizadas.

O planejamento das aulas para a regência de classe proporcionou maior nível de preparação e segurança na condução das atividades, assegurando domínio dos conceitos matemáticos trabalhados. Foi possível prever e organizar os materiais antecipadamente, bem como estudar os conteúdos a serem trabalhados, de modo a garantir a condução segura e eficiente das aulas. Percebeu-se, contudo, que o planejamento é flexível e variável, nem sempre sendo executado integralmente conforme o previsto. No entendimento de Freire (2013, p. 80):

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso, ao planejar as aulas, o educador deve partir do que os alunos já sabem, de suas experiências e de sua realidade concreta. Não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino; esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago.

Seguindo essa perspectiva, logo no primeiro contato com os alunos, buscou-se explicar o período de desenvolvimento do estágio e estabelecer alguns combinados, o que contribuiu para o fortalecimento da relação de confiança entre alunos e professor. Já na primeira aula, foi realizada uma atividade diferente, que foi a construção de um gráfico coletivo com a comida preferida da turma. Neste momento evidenciou-se que a turma tinha um entusiasmo com aulas que os envolviam. Evidenciou-se que a turma demonstrava entusiasmo em atividades participativas, o que destacou a importância do uso de diferentes metodologias para tornar o aprendizado mais significativo. Por meio da BNCC (BRASIL, 2017), que orienta o desenvolvimento de competências por meio de atividades que estimulem investigação, comunicação e protagonismo. Nesse sentido, conforme Moran (2015, p.17):

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham

que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

Contudo, durante as aulas ministradas notou-se que nem tudo que havia sido planejado sairia conforme o previsto. Em alguns momentos foi necessário adaptar as atividades por conta do tempo e do ritmo da turma. Nem sempre saberemos como os alunos estarão de comportamento aquele dia, ou então, os imprevistos que poderão surgir no decorrer da aula. Essas situações nos mostram a importância da flexibilidade e do (re)planejar no momento da aula, pois conforme Libâneo (2013), o planejamento deve ser contínuo e aberto a readequações frente à realidade escolar.

Em uma das aulas, precisou-se alterar a sequência planejada. Os alunos compreenderam rapidamente a explicação e realizaram as atividades com facilidade, o que fez sobrar um tempo maior do que o previsto para aquela aula. Como não daria tempo de começar outra explicação, mas também não seria adequado deixá-los ociosos esse tempo, foi necessário pensar em uma alternativa. Lembrou-se que os alunos tinham junto deles o livro didático, então optei por propor mais atividades para retomar o estudo de gráficos utilizando este recurso, já que as atividades do livro estabeleciam relações com situações do cotidiano deles, à medida que “(...) Os conteúdos do livro didático somente ganham vida quando o professor os toma como meio de desenvolvimento intelectual, quando os alunos conseguem ligá-los com seus próprios conhecimentos e experiências, quando por intermédio deles aprendem a pensar com sua própria cabeça (...). (Libâneo, 2013, p. 93).

Cabe dizer que naquele momento, a estratégia funcionou, cabe destacar que a estratégia se mostrou eficaz, evidenciando a necessidade de preparação para situações imprevistas, tendo uma “carta na manga”, levando uma lista extra de atividades junto ou atividades complementares. Também, que o planejamento não deve ser algo que não pode ser mudado ou precisa ser seguido à risca, ele serve como um guia e pode ser ajustado conforme o andamento da turma. Neste sentido, segundo Libâneo (2013, p.45):

O planejamento de ensino é uma das principais ferramentas para o sucesso da prática pedagógica, mas é importante que o professor tenha flexibilidade para adaptar o plano às circunstâncias imprevistas, garantindo que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados, independentemente dos desafios que possam surgir.

Para a avaliação dos alunos foram realizadas observações contínuas durante as aulas, considerando aspectos como a participação, o comportamento e o respeito entre os colegas e com a professora estagiária. Essa observação constante permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes nas atividades e identificar suas principais dificuldades e/ou avanços ao longo do processo de aprendizagem.

Ao finalizar os objetos de conhecimento intrínsecos a Estatística, os estudantes foram avaliados por meio de uma atividade de análise de gráficos e tabelas extraídas de jornais e revistas. A proposta, prevista no plano de aula, consistia em cada aluno buscar em jornais e revistas exemplos de gráficos ou tabelas. A partir da coleta desse material, os alunos deveriam localizar e interpretar as informações apresentadas, promovendo uma aproximação entre o conteúdo escolar e situações do cotidiano. Contudo, como já imaginava que muitos não trariam o material solicitado, foram levados alguns materiais extras para que todos pudessem realizar a atividade. Por fim, ao término do estágio, foi aplicada uma avaliação de conhecimentos, contemplando os principais objetos de conhecimento trabalhados ao longo do período de regência.

Portanto, o processo de planejar durante o estágio possibilitou a reflexão sobre estratégias e metodologias a serem utilizadas em sala de aula. O planejamento mostrou-se flexível, e exigiu preparação prévia para realizá-lo, sobretudo determinadas propostas, como atividades em duplas, resolução de problemas e uso de materiais manipuláveis favoreceram maior participação dos estudantes, tornando assim a melhor compreensão dos conteúdos matemáticos. Como afirma Libâneo (2013, p. 152):

A dimensão crítico-social, implica vincular os conteúdos de ensino à exigência e às práticas de formação dos alunos, em função das atividades da vida prática. A assimilação ou apropriação de conhecimentos e habilidades adquire importância e sentido se proporciona o domínio ativo e prático de modos de atuação crítica e criativa na vida, na profissão, no exercício da cidadania. Por essa razão, somente se dá a assimilação crítica dos conteúdos quando se faz a ligação destes com as experiências reais e concretas vividas pelos alunos na sua prática social.

Assim, a seleção de estratégias não se restringiu à explicação de conteúdos, mas visou promover a compreensão e a aplicação do conhecimento matemático em contextos concretos.

3 Docência em movimento: práticas, desafios e descobertas no Estágio

Esta seção apresenta reflexões sobre a experiência vivenciada durante o período de regência de classe no Estágio Curricular Supervisionado, momento em que foi possível colocar em prática os conhecimentos teóricos estudados ao longo da formação inicial em andamento ao longo da formação. Durante esse processo, foi possível vivenciar de forma concreta o cotidiano escolar, assumindo responsabilidades de planejamento, execução e avaliação das aulas. A partir dessa vivência tornou-se possível compreender melhor os desafios e as possibilidades que envolvem o ensino de Matemática, especialmente no que diz respeito à escolha dos conteúdos, às metodologias utilizadas e à convivência em sala de aula e as interações entre os sujeitos. Para

tanto, esta seção está organizada em três subseções: na primeira, aborda-se a escolha dos objetos de conhecimento trabalhados; na segunda, estão descritos e analisados os métodos e recursos empregados para a construção da aprendizagem matemática; e, por fim, na terceira, apresentam-se reflexões sobre a convivência e a gestão em sala de aula, destacando aprendizagens e descobertas significativas a formação docente.

3.1 A escolha dos objetos de conhecimento na prática docente

A unidade temática abordada no estágio foi Estatística e Probabilidade, uma escolha que foi feita em conjunto com a professora regente da turma, conteúdo este que era sequência do que a professora estava trabalhando em sala de aula. Além de abordar alguns conceitos básicos de probabilidade, no que tange a estatística foram abordados os conceitos como os diferentes tipos de gráficos e tabelas, fluxogramas, dentre outros.

Uma das metodologias utilizada foi a investigação matemática, a fim de proporcionar aos alunos uma melhor experiência ao aprender, onde os alunos são convidados a agir e refletir com o conteúdo, pois “investigar é descobrir relações entre objetos matemáticos conhecidos ou desconhecidos, procurando identificar as respectivas propriedades” (PONTE; BROCARDO; OLIVEIRA (2003, p. 13). Além disso a investigação matemática tem se tornado uma importante metodologia para o ensino de matemática, vem contribuindo para a efetiva aprendizagem dos alunos.

Com isso, para a escolha dos conceitos a serem abordados, utilizou-se as orientações da BNCC (Brasil, 2017), a fim de verificar os objetos de conhecimento e habilidades propostos para o nível fundamental de ensino, complementando com pesquisas na Matriz de Referência do Estado do Rio Grande do Sul. Conforme a BNCC (Brasil, 2017), no 6º ano do Ensino Fundamental, a unidade temática que se refere a esses conteúdos propõe desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura, interpretação e representação de dados em tabelas e gráficos, bem como à compreensão de situações que envolvem incerteza e experimentos aleatórios simples.

Com isso, as atividades planejadas foram elaboradas de maneira contextualizada e significativa, articulando teoria e prática a partir de situações do cotidiano dos estudantes. No estudo de Estatística, a contextualização ocorreu por meio da coleta de dados reais da própria turma, utilizando a pergunta “Qual é sua comida preferida?”. A partir das respostas obtidas, os estudantes organizaram os dados em uma tabela e, posteriormente, construíram o gráfico

correspondente. Essa abordagem possibilitou que compreendessem, de maneira concreta, a função e a estrutura de uma tabela e de um gráfico, favorecendo a construção gradual dos conceitos estudados.

No planejamento desses conteúdos optou-se por aulas que não ficavam em apenas na explicação dos assuntos, mas que também envolvesse atividades práticas, como o lançamento de moedas no estudo da probabilidade e eventos aleatórios, através de bolinhas o que possibilitou aos alunos exercitar o que estavam aprendendo. Sempre que possível, foram utilizados exemplos reais e situações do cotidiano dos estudantes, bem como materiais manipuláveis, para facilitar a visualização e o entendimento dos conceitos trabalhados. Um exemplo disso, a análise de gráficos em jornais e revistas, o que fez com que os alunos visualizassem o uso dos mesmos no cotidiano.

Outro exemplo disso, foi a aula que tinha como objetivo o cálculo de probabilidade por meio de repetições de um experimento, eles em dupla, receberam uma moeda e teriam que jogá-la 20 vezes cada um (Imagem 1), anotando o resultado de cada lançamento (cara ou coroa). Após isso teriam que analisar as respostas anotadas respondendo às seguintes perguntas:

Figura 1 – Alunos lançando as moedas.



Fonte: A autora (2025)

Figura 2:

Lança-mento	Resultado	
1º		a) Quantas caras e quantas coroas você obteve? Você esperava esses resultados?
2º		
3º		
4º		
5º		b) O seu colega obteve a mesma quantidade de cara e de coroa que você? Podemos garantir que isso sempre ocorrerá?
6º		
7º		
8º		
9º		c) Ao lançar uma moeda 20 vezes, é certo que o resultado será 10 caras e 10 coroas? Explique sua resposta
10º		
11º		
12º		
13º		
14º		
15º		
16º		
17º		
18º		
19º		
20º		

Fonte: A autora (2025)

Durante esta atividade os alunos se mostraram engajados para a realização do experimento, participando ativamente da atividade. Ainda, os alunos conseguiram perceber e compreender melhor a explicação do conteúdo, pois nem sempre os resultados eram iguais e eles não conseguiam prever o que sairia, fortalecendo assim o entendimento dos conceitos de aleatoriedade. Uma dúvida frequente, logo no início da atividade, era qual dos lados da moeda era cara e qual delas era coroa, o que gerou conversas e trocas entre os colegas demonstrando a importância do diálogo e da observação coletiva na construção do conhecimento.

De modo geral, observou-se que as atividades práticas favoreceram o envolvimento dos alunos e possibilitaram uma aprendizagem significativa. A experiência também evidenciou a importância de flexibilizar o planejamento conforme as respostas e os comportamentos dos estudantes frente a certas atividades, pois, em alguns momentos foi necessário retomar conceitos e até mesmo adaptar o ritmo das aulas para garantir a compreensão de todos.

O estágio constituiu uma experiência significativa para a compreensão do trabalho docente e do processo de aprendizagem dos alunos. Ao longo das aulas, foi possível perceber que o ato de ensinar requer paciência, escuta e flexibilidade diante das diferentes situações que surgem em sala. Essa vivência evidenciou a importância do papel do professor na formação dos estudantes e na construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor e participativo.

3.2 Métodos e recursos na construção da aprendizagem matemática

Durante as aulas, foram utilizados materiais manipuláveis e atividades investigativas para que possibilitaram aos alunos explorar os conceitos matemáticos por meio da ação e da observação. As metodologias adotadas incluíram exposição dialogada, resolução orientada e atividades práticas que envolveram coleta e análise de dados. Embora algumas dessas estratégias sejam comumente classificadas como tradicionais, observou-se que, ao serem reorganizadas de forma participativa, elas favoreceram o envolvimento da turma e possibilitaram experiências de aprendizagem mais significativas.

A escolha dessas metodologias se deu por compreender que o processo de aprendizagem matemática ocorre quando o aluno é protagonista na construção do conhecimento. Nesse sentido, a atividade do lançamento de moedas destacou-se por envolver os alunos na formulação de hipóteses, na organização de resultados e na reflexão sobre a aleatoriedade. A análise dos registros realizados pelas duplas possibilitou que eles identificassem regularidades e discrepâncias entre seus resultados, criando condições para que atribuíssem sentido aos conceitos de probabilidade formalizados posteriormente, como espaço amostral, eventos possíveis e impossíveis.

Além dessa vivência inicial com a moeda, buscou-se ampliar as possibilidades de análise e interpretação ao propor atividades que relacionassem a Matemática com situações reais presentes no cotidiano dos estudantes. Através disso, foi proposta uma atividade de leitura e análise de gráficos retirados de jornais e revistas. A utilização de dados reais possibilitou que os alunos desenvolvessem a capacidade de interpretar informações presentes no cotidiano, compreendendo como a Matemática está inserida em diversos contextos sociais.

Outra proposta significativa foi a atividade de retirada de bolinhas de uma sacola, que serviu como incentivo para o estudo sobre eventos possíveis, impossíveis e incertos. As perguntas iniciais que antecederam a manipulação do material, favoreceram o levantamento de hipóteses e estimularam o raciocínio sobre o assunto.

Diante disso, foi interessante analisar a colaboração dos alunos com as atividades apresentadas, pois eles se sentiram motivados ao perceber a ligação entre os conteúdos matemáticos e simulações concretas. Dessa forma, o aprendizado se tornou significativo a partir do momento que puderam experimentar e, conseqüentemente, assimilar os conceitos mediante situações experienciadas. Observa-se também que o uso de exemplos reais e de materiais simples contribuíram para aulas mais dinâmicas e abordagens conceituais acessíveis. Essas

práticas alinham-se no que nos diz Lorenzato (2009) que evidencia como a abstração pode surgir a partir de experiências concretas, quando os estudantes manipulam materiais, realizam medições reais e transformam suas observações em ideias matemáticas mais gerais. Para o autor, é justamente o contato direto com o concreto que favorece a construção de significados mais consistentes, permitindo aos alunos compreender de maneira mais sólida os fundamentos da Matemática.

Durante a realização das atividades, pode-se perceber a importância da mediação do professor para orientar os alunos na construção de suas próprias conclusões. Nesse sentido, o papel do professor é de criar situações-problema que estimulem o raciocínio e o diálogo, intervindo apenas quando necessário para favorecer a reflexão e a autonomia dos estudantes.

3.3 Convivência e Gestão em Sala de Aula

A turma com a qual realizou-se o estágio de regência era do 6º ano A, composta por 19 alunos. Alguns relataram que gostam da presença de professores estagiários, pois costumam trazer atividades diferentes e dinâmicas, o que contribuiu para criar um clima positivo para as aulas.

Desde o início se mostraram empolgados e participativos, embora em alguns momentos apresentavam certa agitação, o que se espera por conta da idade. Nesses momentos, a gestão e estratégias em sala de aula foram fundamentais para que o foco dos alunos fosse reestabelecido e para que o ambiente ficasse propício ao processo de aprendizagem. Nessas eventualidades buscou-se adotar uma postura firme, segura, mantendo a calma, buscando chamar a atenção dos alunos através do diálogo.

Durante este período, o apoio da professora regente da turma foi fundamental. Auxiliando nos planos de aula e dando ideias de como trabalhar alguns conceitos, o diálogo constante com a professora regente possibilitou ajustar o ritmo das aulas e refletir sobre o andamento das atividades, reforçando a importância da troca de experiências entre profissionais em formação e docentes experientes. Durante esse período, contou-se com o apoio da professora regente e da equipe de coordenação da escola que se mostrou disponível para quaisquer problema ou dúvida.

Em relação à convivência com os alunos, observou-se que o vínculo e o respeito são fundamentais para o desenvolvimento das aulas. Um exemplo ocorrido na turma, foi o caso de dois alunos com dificuldades de concentração e que nos primeiros dias não demonstravam atenção, não colaboravam nas aulas e não faziam as atividades. Mas, quando estávamos na

terceira semana de aula, observou-se uma mudança significativa: ambos passaram a pegar seus materiais e pediam para sentar próximos à mesa da professora estagiária. Assim passaram a realizar as atividades que estavam sendo propostas, sanavam suas dúvidas e até se voluntariavam para ir ao quadro resolver as questões.

Esse exemplo nos mostra que a construção da confiança e a utilização de diferentes estratégias de ensino pode promover a responsabilidade e repensar comportamentos dos alunos. Pequenas mudanças, que no início da prática docente fazem grande diferença, pois algumas mudanças na postura do professor podem favorecer a motivação e despertar o interesse pela aprendizagem, visto que conforme Pimenta e Lima (2012, p. 35):

(...) Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram (...)

Com isso, ao longo do estágio, evidenciou-se que estar à frente de uma turma envolve muito mais do que manter a disciplina. É necessário considerar os alunos em suas dimensões emocionais, limitações e potencialidades. De modo geral, a experiência em sala de aula foi muito além do imaginado, proporcionando grandes aprendizados. Observou-se que o bom professor é aquele que interage em sala de aula, utilizando diferentes metodologias e que está realmente preparado para conduzir a aula. Com a aquisição de experiências, passou-se a observar as atitudes dos alunos de outra forma, compreendendo melhor as causas da indisciplina e das dificuldades. Destaca-se que o professor não é apenas um transmissor de conteúdos; conforme Freire (2013, p. 47):

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica – mas, também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

A partir disso, observa-se que a prática docente exige constante reflexão sobre as estratégias usadas e sobre a forma em que os alunos recebem o conteúdo. Durante este período de regências, constatou-se que geralmente as dificuldades de aprendizagem desta turma eram um reflexo da dispersão e indisciplina. Frequentemente, os alunos que se mostravam dispersos ou desatentos eram também aqueles com desempenho mais baixo na disciplina. Por esse motivo, foram propostas atividades que se aproximassem da realidade dos estudantes, tornando os conteúdos mais significativos. Um exemplo foi a utilização de atividades baseadas em gráficos e tabelas extraídas de jornais e revistas, utilizadas durante as aulas para aproximar o conteúdo da realidade dos alunos. Além disso, na avaliação de conhecimentos realizada com a

turma, foram elaboradas questões relacionadas ao cotidiano dos estudantes, mantendo a conexão entre aprendizagem e experiências concretas.

4 Identidade em construção: o estágio como alicerce da profissão docente

O estágio é um momento de olharmos para a teoria e pormos em prática aquilo que aprendemos, é um momento de o licenciado aproximar-se da realidade escolar e compreender as dimensões que constituem o trabalho docente. Nele, tornam-se evidentes desafios cotidianos e são colocados em ação os conhecimentos construídos ao longo da formação inicial. Trata-se de um período que contribui de modo significativo para a aprendizagem da docência, por meio das atividades desenvolvidas na regência, favorecendo a construção da identidade profissional.

Essa fase possibilita uma compreensão mais ampla do papel do professor além de favorecer a análise da relação entre teoria e prática estudadas na formação inicial. Como afirma Freire (1996, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O autor ainda ressalta que o docente deve estar “aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições”, assumindo uma postura dialógica e receptiva diante da turma. Também permite observar a postura profissional que deve ser assumida diante da turma e as formas adequadas de atuação em diferentes situações do cotidiano escolar.

Essa relação entre teoria e prática torna-se ainda mais evidente quando analisamos situações reais vivenciadas durante a regência. Como destaca Pimenta (2002, p.134), a teoria e a prática são elementos inseparáveis no processo de formação docente, pois a teoria fornece os fundamentos necessários para a compreensão dos conceitos, enquanto a prática oferece a oportunidade de aplicar esse conhecimento”. Na formação inicial são estudadas diversas teorias que orientam o trabalho docente, porém a realidade encontrada nas escolas muitas vezes impõe condições distintas das previstas nos planos de aula. Exemplo disso ocorre quando se planejam atividades que dependem de recursos tecnológicos, mas o contexto escolar apresenta limitações, como acesso restrito à internet.

Com o planejamento podemos ter uma orientação do que deve ser desenvolvido em cada aula, entretanto esta aula, nem sempre sai como preparamos. Em uma das situações vivenciadas durante a regência, restavam ainda alguns minutos para finalizar a aula e não daria tempo de começar uma nova explicação. A professora regente havia sugerido que seria interessante mostrar aos alunos a possibilidade de elaborar tabelas e gráficos em aplicativos tecnológicos.

Diante disso, considerando o tempo disponível, tomou-se a decisão de demonstrar brevemente o uso do Excel, explicando que o *software* permite a construção de diferentes tipos de gráficos e tabelas. Contudo, por não ter sido realizado um planejamento adequado para essa etapa, os alunos não puderam manipular o recurso, limitando-se apenas a observar a demonstração.

Essa situação relaciona-se com a BNCC (2017, p. 9), que destaca a importância de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Diante disso, percebe-se que os estudantes podem e devem dominar o mundo digital, usar a tecnologia de forma ética, a fim de compreender e resolver problemas pessoais e sociais.

Essa experiência também evidenciou que, além do domínio das tecnologias, o professor precisa lidar com diferentes desafios que surgem no cotidiano da sala de aula, o que ficou ainda mais evidente no decorrer da regência. Nesse contexto, as situações vivenciadas passaram a revelar não apenas questões pedagógicas, mas também aspectos formativos do processo de ensinar.

Além dos desafios pedagógicos e das adaptações necessárias, surgiram também inquietações relacionadas ao desempenho em sala de aula. Havia incertezas quanto à capacidade de administrar o tempo das atividades, lidar com os comportamentos da turma e compreender como seria a recepção dos estudantes diante da atuação do licenciando. O receio de cometer erros também se fazia presente, especialmente pela percepção de ainda não haver plena segurança para assumir a regência por um período mais prolongado.

Uma das estratégias que contribuiu para minimizar as inseguranças foi o estudo prévio dos conteúdos a serem ensinados e a preparação antecipada das aulas. O planejamento antecipado para as aulas dava maior segurança, já que durante a produção das aulas ocorria uma revisão sistemática dos conteúdos. Esse processo tornava os momentos de aula mais tranquilos, pois refletia maior domínio sobre os conteúdos trabalhados. Em questão do tempo delimitado para cada explicação e atividade, as observações realizadas no Estágio I, desenvolvido na mesma escola e na mesma turma, serviram como referência inicial. Quanto a isso, não temos como estabelecer o tempo certo para cada atividade, mas, nas primeiras aulas já dava para ter uma noção do ritmo da turma.

Durante este período ficou evidente que a prática docente envolve bem mais processos do que as teorias estudadas na formação inicial. Muitas vezes enfrenta-se situações que não

estamos esperando, como a necessidade de adaptar o planejamento, lidar com os imprevistos do dia ou adaptar alguma explicação. Devemos compreender que o planejamento precisa ser ajustado e que a realidade nem sempre corresponde ao que estava previsto. Neste sentido, conforme Pimenta e Lima (2012), o estágio permite que o licenciando confronte os conhecimentos teóricos com as situações reais da escola, reconhecendo que a prática docente exige constante reflexão, tomada de decisões e adaptações frente às demandas do cotidiano.

Este período de estágio de regência possibilita ao licenciando se (re)conhecer como professores, suas fragilidades e potenciais frente a uma turma, permitindo compreender de forma mais concreta como se constrói a identidade profissional. O estágio constituiu um momento em que foi possível visualizar de forma mais concreta o papel docente e, se antes ainda havia dúvidas quanto à escolha profissional, essa vivência contribuiu para fortalecer a certeza sobre o caminho a seguir. O interesse pela profissão mostrou-se ainda mais evidente durante o estágio de regência. A receptividade dos estudantes mostrou-se bastante positiva, aspecto que reforçou o interesse pela docência e evidenciou o potencial formativo dessa experiência. Embora a caminhada apresente desafios, os resultados observados ao longo da regência revelaram-se gratificantes.

A vivência no estágio de regência possibilitou reconhecer fragilidades que costumam surgir no início da prática docente, especialmente no que diz respeito à gestão do tempo das atividades, à condução das explicações e à tomada de decisões rápidas diante de situações imprevistas. Também foram evidenciadas dificuldades relacionadas ao manejo da turma e às reações frente a determinados comportamentos, aspectos que demandam constante desenvolvimento nessa etapa de formação.

Ao mesmo tempo, o estágio permitiu identificar potencialidades importantes nesta trajetória, como o bom diálogo entre professor e aluno. Além disso, a organização e a dedicação dos planos de aula e o comprometimento com a aprendizagem significativa da turma. Esses apontamentos contribuíram para fortalecer a atuação docente e demonstraram avanços significativos no exercício da regência.

Essas percepções sobre o próprio desenvolvimento profissional também se conectam às escolhas metodológicas adotadas durante as aulas. Diante das aulas, foi possível observar que o ensino da Matemática de forma lúdica favorece a aprendizagem, tornando os conteúdos mais acessíveis e significativos aos estudantes. Isso se confirma ao considerar que, conforme Silva et al. (2013, p. 5):

Os objetivos da implantação da Matemática lúdica no ensino é trazer o aluno para a sala de aula disposto a aprender se divertindo. O incentivo para participação das aulas lúdicas, não quer dizer que o aluno tem que ir a escola somente brincar, o aluno tem que ver a aula de Matemática como uma prazerosa atividade de aprendizagem e não como ainda é vista em alguns ambientes educacionais, como aula de repetição e memorização, e logo após a prova o assunto que foi transmitido durante as aulas seja esquecido.

Esse aspecto ficou evidente na construção do gráfico coletivo sobre a comida preferida da turma, atividade que motivou os estudantes e demonstrou como propostas simples, conectadas ao cotidiano, podem tornar o aprendizado mais leve e participativo. Ainda, verificou-se que mesmo diante de conceitos considerados complexos, o uso de exemplos do cotidiano e de materiais concretos contribuiu para a compreensão e para o engajamento da turma. Evidenciou-se que só dominar o conteúdo muitas vezes não é suficiente, explicar de forma que os alunos irão entender exige habilidades específicas, que se desenvolvem na prática e na interação com os alunos. Muitas vezes, o que pode ser taxado como fácil para os professores, é a maior dificuldade dos alunos.

Durante as explicações sempre fazia questão de perguntar aos alunos ao final da aula se restava alguma dúvida sobre a aula daquele dia, pois precisava ter também um feedback dos alunos quanto a explicação apresentada. Em uma das aulas sobre média aritmética, moda e mediana alguns alunos apresentaram dúvidas, o que exigiu o replanejamento imediato da explicação. Reformulou-se a forma de apresentar o conteúdo e de selecionar os exemplos utilizados. Essa mudança metodológica mostrou-se essencial para favorecer a compreensão e consolidar o aprendizado. Essa prática evidencia que a aprendizagem ocorre na interação com o contexto e as situações vivenciadas pelos alunos, conforme destaca Hoffmann (2014, p.53):

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas.

Esse exemplo evidencia a complexidade do ato de ensinar, sempre analisando o ritmo da turma e andamento da mesma. Muitos fatores podem influenciar no aprendizado, entre elas, a diferença socioeconômica e as demandas externas a sala de aula que influenciam diretamente no desenvolvimento das atividades e exigem flexibilidade no planejamento. Segundo Zabala (1998, p. 93):

Ao mesmo tempo, o planejamento tem que ser suficientemente diversificado para incluir atividades e momentos de observação do processo que os alunos seguem. É preciso propor aos alunos exercícios e atividades que ofereçam o maior número de produções e condutas para que sejam processadas, a fim de que oportunizem todo tipo de dados sobre as ações a empreender.

Nesse contexto, ao longo do estágio tornou-se necessário manejar os comportamentos vindos dos alunos, bem como as emoções e relações interpessoais, reconhecendo e analisando que cada aluno é único e que alguns merecem um olhar diferenciado. Segundo Tardif (2014), o trabalho docente mobiliza competências relacionais e afetivas que se constroem no cotidiano escolar e são fundamentais para compreender a singularidade dos estudantes. Essas vivências também reforçam as exigências éticas da docência, como o compromisso do acolhimento e o respeito às diferenças, mas sempre mantendo uma postura profissional docente.

Todas essas experiências, além de revelarem a complexidade da sala de aula, influenciaram diretamente a forma como o projeto profissional começou a se delinear. O estágio representa uma pequena parte do que compõe o futuro docente, isso evidencia que a sala de aula envolve desafios, fragilidades e situações que exigem sensibilidade e firmeza. Essa experiência contribuiu para confirmar a escolha pela docência, na medida em que se revelou a importância do trabalho pedagógico para o desenvolvimento dos estudantes.

Observou-se a necessidade de aprimorar práticas como a avaliação e a organização dos tempos de aprendizagem, o tempo destinado às atividades poderiam ter sido melhor distribuído, já que períodos extensos de atividades favorecia as conversas paralelas na turma. A partir dessas vivências, busca-se ser um projeto profissional de atuar como uma professora de matemática comprometida com o aprendizado significativo dos alunos, com uma postura ética e em constante processo de aperfeiçoamento.

5 Entre fins e começos: o estágio supervisionado como marco da formação docente

Com a caminhada do estágio foi possível compreender que uma aula vai muito além de planejar, exige dedicação, empenho e empatia. O ensino de Matemática exige clareza, didática e metodologias que auxiliam no aprendizado, o que reforça que o planejamento não pode ser entendido como um ato isolado, mas como um processo que considera o contexto da escola e as especificidades dos estudantes. Ao longo das vivências, observou-se que a realidade da sala de aula necessita de ajustes contínuos e requer flexibilidade para reorganizar estratégias.

O estágio também revelou a presença de inseguranças, que são próprias do início da trajetória docente, como o receio de não conseguir explicar determinado conteúdo ou de como agir diante de comportamentos inesperados. Essas situações mostraram que o processo formativo envolve reconhecer fragilidades e torná-las em oportunidades de melhorias. Os erros e as dúvidas que surgiram durante este processo, vieram como elementos de reflexão e

crescimento profissional.

Com isso, tornou-se possível identificar uma evolução significativa no modo de compreender a docência. Tanto a receptividade dos estudantes quanto o interesse demonstrado nas aulas evidenciaram o impacto positivo das escolhas metodológicas realizadas. Essas experiências contribuíram para consolidar que apesar dos desafios presentes no dia a dia das escolas, o exercício da docência possui grande potencialidade formativa e afetiva.

Essa trajetória permitiu articular elementos discutidos ao longo de nossa formação, especialmente no âmbito do planejamento, da regência e a constituição da identidade docente. O planejamento tem se mostrado um processo que exige estudo e adequação as necessidades reais da turma. A regência evidenciou a complexidade da prática e a importância de escolhas metodológicas para promover uma aprendizagem significativa. Contudo, a identidade docente foi sendo constituída na medida em que os desafios foram sendo enfrentados.

Muito mais que aprender na prática, o exercício da docência requer a capacidade de reconhecer a própria evolução. Ao término do estágio, torna-se possível identificar avanços significativos no desenvolvimento profissional. A alegria dos alunos e a acolhida deles em cada aula, revela que o esforço ao longo da trajetória nos traz resultados bons, ainda que os desafios sejam constantes. Essa evolução profissional não ocorre apenas pela reflexão teórica, mas também pela vivência prática, em que o professor observa, imita e reelabora modelos de atuação consagrados, conforme destacam Pimenta e Lima (2012, p.35)

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução, e as vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados bons.

A experiência do estágio possibilitou projetar caminhos para a futura atuação docente e com ela aflorou competências como a organização didática, a comunicação e o estabelecimento de vínculos ao longo deste período. Fica ainda os desafios que são enfrentados com o dia a dia em sala de aula, como por exemplo, o domínio da turma, o contexto social dos alunos e os desafios que ainda são enfrentados nas escolas públicas, como a infraestrutura.

Ser docente é desafiador, porém é uma profissão significativa pois é marcada pela possibilidade de impactar vidas. O brilho nos olhos de quem aprende e o reconhecimento manifestado pelos alunos constituem elementos que reafirmam o valor da prática e reforçam a importância da profissão, tornando-lhe recompensadora. Conforme Pimenta e Lima (2012, p. 89):

Os professores contribuem com seus saberes, seus valores, suas competências, nessa complexa tarefa. A formação inicial, por melhor que seja, não da conta de colocar o professor a altura de responder, por meio de seu trabalho, às novas necessidades que lhe são exigidas para melhorar a qualidade social da escolarização.

A docência revela-se assim, uma profissão de grande valor, ainda que muitas vezes seja considerada como uma área sem perspectivas. No entanto, é justamente dela que depende o futuro coletivo, pois é ela quem sustenta o desenvolvimento e a formação de toda a sociedade.

Portanto, o estágio de regência consolidou-se como um marco significativo na formação docente, permitindo compreender a construção profissional como contínua e fortalecida a cada experiência. Serviu para aproximar da realidade escolar e ampliou a consciência sobre as responsabilidades do ser professor. Assim, o estágio de regência não se encerra como um ponto final, mas como um início de uma trajetória que seguirá sendo aprofundada e constituída no exercício do ser professor.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 26. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas, 2015.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica: transformando a educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **A prática do ensino: a relação entre teoria e prática na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PONTE, João Pedro da; BROCARD, Joana; OLIVEIRA, Helia. **Investigações matemáticas na sala de aula**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

SILVA, Jonas Laranjeira Saraiva da; EVANGELISTA, Joil Ramos; SANTOS, Rafael Batista dos; MENDES, Paulo Muniz. **Matemática lúdica: ensino fundamental e médio**. *Educação em Foco*, n. 06, p. 26–36, maio 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.